

EDITORIAL

Como fazer hoje uma moral, uma liturgia e uma sociedade que sejam realização e correção do passado e que serão a força dinâmica de um futuro quase imprevisível num século que estará começando em breve com nossas esperanças e com nossos temores? Dentro de menos de cinco anos o Brasil estará lembrando o quinto centenário de um domingo da pascoela que viu a primeira missa celebrada em seu território, estará revivendo o encontro das duas culturas que depois, enriquecidas pela chegada de outros elementos, iriam formar uma nação tão complexa e que até hoje busca definir sua estrutura social de maneira mais humana e capaz de dar felicidade e pão numa terra que se anunciava capaz de dar com abundância e simplicidade o melhor para a fé e a socialidade.¹

Estudiosos da teologia, sobretudo da teologia prática que se deve aplicar imediatamente na vida de nosso povo, sentimos muitas vezes a perplexidade diante da multifacetada realidade com que nos encontramos. Na encruzilhada dos muitos caminhos do passado e das muitas possibilidades do futuro, querendo ser fiéis à verdade da revelação e a dos sinais dos tempos, sentimos a angústia de ter que discernir.

Dizia o papa João Paulo II na carta apostólica sobre a chegada do ano 2.000: *Como calar, por exemplo, a indiferença religiosa, que leva tantos homens de hoje a viverem como se Deus não existisse ou a contentarem-se com uma religiosidade vaga, incapaz de se confrontar com o problema da verdade e com o dever da coerência?* Situação que segundo o papa João Paulo II exige exames de consciência, sobretudo a partir das aberturas do Vaticano II: *as diretrizes conciliares — oferecidas na Gaudium et Spes e outros documentos — de um diálogo aberto, respeitoso e cordial, acompanhado todavia por um atento discernimento e corajoso testemunho da verdade, permanecem válidas e chamam-nos a um empenhamento maior.*²

Difícil convite, difícil tarefa, mas o tempo urge...

Em moral o discernimento não está cômodo. Mudam-se o estilo de vida e os instrumentos de medida do existir humano: estamos em uma civilização ao mesmo tempo universal: todos sentem e vivem tudo lado a lado, mas com

1. Silvio CASTRO, *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre, LPM, 1985, p. 96-98.

2. *Tertio millennio adveniente*, n. 36. Em *OSSERVATORE ROMANO* 19/11/94, p. 13

tantas possibilidades imagináveis que fica difícil escolher. Inteligências lúcidas de filósofos fazem suas propostas, mas estão longe de serem unânimes. E vem a pergunta: por que sentimentos morais hoje? A quais deles atender? De quais libertar-se por mais que estejam na moda? Nosso artigo procura achar pistas...

O Vaticano II aprovou rapidamente e em primeiro lugar o documento sobre a liturgia (1963). Era o assunto que mais levaria a Igreja à reflexão e talvez também o que melhor definira os caminhos do futuro no pré-concílio. Entretanto o estudo de A.S.Bogaz, capítulo final de uma tese de doutorado defendida em maio deste ano no Anselmianum em Roma, mostra como e porque a liturgia não está sendo frutuosa.

Mas o liturgia não escapa também do confronto com outros modos de rezar e de se encontrar com o Senhor. O ser humano não consegue viver somente do oficial e do revelado. O ser humano tem sentimentos mesmo quando não tem fé, vive profundamente sua condição de dependência do motor supremo e não pode deixar de querer dialogar com ele. Mesmo o cristão mais fervoroso tem as suas devoções e preferências. Como celebrar dando espaço a toda a pluralidade das necessidades e das iniciativas humanas? E, sabendo tudo isso, como fazer a liturgia? Pergunta o A.C.O Sousa.

É possível fazer política para uma sociedade em construção dolorosa como a brasileira usando a poesia? É possível fazer ata de uma reunião seriíssima com uma paixão racional? J.O. Beozzo prova que pode num ótimo resumo do que foi a II Semana Social Brasileira, que teve a coragem de questionar em julho de 1994 até os candidatos à presidência da República. Você que talvez não participou da reunião tem aí um excelente resumo.

Ele diz que cultura é fogo! H. Frisotti faz perguntas que nos deixam com o coração nas mãos: sou culto de compreensão e humanidade ou sou um culto de compressão e exclusão? Você decide... mas leia para entender o que está fazendo ou pretende fazer.

Todo mundo sabe que o livro dos Cantares é um livro de amor. De amor apaixonado e sonhador, de amor humano vivido divinamente e divinamente proposto como projeto e como revelação das relações de amor entre Jahwé e os seres humanos. Mas como ler essa história de amor em chamas que vai trazer conseqüências e compromissos na vida concreta de cada um? Nossos alunos e nossa professora de Escritura mostram o fruto de seu trabalho em um laboratório de Exegese

Recensões: Mais um dicionário, o de Espiritualidade, uma introdução ao Antigo Testamento, uma reflexão sobre o princípio misericórdia, e para terminar, um pouco da história do Brasil dos fins da colônia até o começo do segundo império: o que se comerciava no Rio, de que forma e através de que interesses comerciais? Livros que não devem faltar na sua leitura e na sua biblioteca.

Além de tudo isso, você conta com uma agenda teológica para saber o que se estuda hoje no Brasil entre as pessoas que se encontram para pensar melhor juntas. Pensando juntos acharemos melhor nossos caminhos.

P. Antonio Silva CSSR
Diretor